

Editora Zain

Mumbo Jumbo

I Um Verdadeiro Bonachão, o Prefeito de Nova Orleans, casquilho com seu sapato marrom e branco de couro envernizado, seu terno xadrez, o corte de cabelo repartido ao meio no estilo Rudolph Valentino, está sentado em seu escritório. Estirada em seu colo está Zuzu, a vuduzete assanhada e doidinha do pedaço. Uma rascoa maltrapilha, com seu vestido verde de lantejoulas que tremelica.

O Trabalho não deixou Vossa Excelência dormir.

O Prefeito passa o frasco de gim contrabandeado para Zuzu. Ela dá um gole e continua se estirando, esparramada e arisca. Soltinha. Ela está fumando um cigarro Chesterfield, descarada e sem-vergonha.

O telefone toca.

O Prefeito tira a mão e pega o telefone; ele reconhece na hora a voz de seu parceiro de pôquer.

Harry, corre logo pra cá. O que estava dormente agora se tornou uma Coisa à Espreita.

O Prefeito se levanta e Zuzu cai no chão. A pose dela revela um frasquinho preso na cinta-liga e umas perninhas bem saudáveis.

Que foi, Harry?

Tenho que ir pra enfermaria, Zuzu, tem alguma coisa de ruim rolando, a Coisa se mexeu nas suas amarras. A Coisa que meu avô Harry e sua geração de Harrys acharam que era só um alarme falso.

O Prefeito, arrastando a mulher pela pelica de raposa pendurada no pescoço dela, sai da prefeitura e pula pra dentro de seu carro, um Stutz

Bearcat, que está estacionado na calçada. Eles vão até a Catedral de St. Louis, onde a Rainha Hudu do século 19, Marie Laveau, sempre rezava; ela fica a mais ou menos 10 quarteirões da Praça Congo. Eles sobem as escadas e o olho mágico de Judas se abre.

O Joe Me Mandou.

O que é que foi, xuxu? Isso é um barzinho clandestino?, Zuzu pergunta com seu jeito fofo e arrastado de falar.

A porta se abre para uma das naves da igreja que foi transformada em enfermaria. Umás 22 pessoas estão deitadas em macas. Médicos correm pra lá e pra cá; eles estão usando máscaras cirúrgicas e jalecos brancos. Portas se abrem e se fecham.

l homem se aproxima do Prefeito, que vai de leito em leito examinando os ocupantes adormecidos, incluindo o sacerdote da paróquia.

Qual é a situação, doutor?, o Prefeito pergunta.

Tem 22 aqui. A única coisa que parece fazer a dor passar é dormir.

Quando foi que começou?

Hoje de manhã. A gente recebeu daqui relatos dizendo que as pessoas estavam fazendo “idiotices sensuais”, de que estavam num estado de “frenesi incontrolável”, se debatendo que nem peixe ensaboado, fazendo umas danças, um tal de “*Eagle Rock*” e “*Sassy Bump*”; se mexendo num tal de “*Mooche*” bem descarado e “cobiçando relevância”. A gente decodificou esse *mumbo jumbo* preto. A gente sabia que algo estava “*Jes Grewing*” que nem no surto de 1890. Soh Crescendo. Parecia que a área de infestação era na Praça Congo e então colocamos nossas substâncias antipáticas pra trabalhar, pra tentar mandar a Coisa embora, mas ela começou

a brincar de esconde-esconde com a gente, um caso aparecia em l bairro e depois em outro. Ela começou a brincar de pula-sela ao redor da gente.

Mas não dá pra colocar num daqueles microscópios? Prender a coisa? Não dá pra meter uma ação preventiva pra cima dessa coisa maldita? Escuta, tenho uma eleição logo, logo —

Que se dane a tua eleição, cara! Você não tá entendendo que se esse Jes Grew virar uma pandemia, vai ser o fim da Civilização Como Nós A Conhecemos?

É sério assim?

É. Veja, não é l daqueles germes que furam picam chupam roem ou devoram. Não dá pra entender ou categorizar; quando a gente dá l nome pra ela, essa coisa muda de forma.

Não, cara. Isso é uma *epidemia psíquica*, não um germe menor tipo febre amarela tifoide ou sífilis. Desses a gente dá conta. Isso aqui era pra estar em alguma antiga Teoria Demoníaca das Doenças.

Bom, e o sacerdote?

A gente tentou, mas a coisa já tomou conta dele também. Ele estava berrando e andando por aí que nem um preto velho qualquer com um batuque.

E os pacientes, você perguntou pra algum deles como é que ficaram sabendo?

Sim, l, Harry. Quando a gente achou que era físico, examinamos os fluidos dele e a água que ele tava bebendo pra ver se a gente achava algum germe comum. Fizemos perguntas pra ele, tipo o que ele tinha visto.

E o que *foi* que ele viu?

Ele disse que viu o Nkulu Kulu dos Zulus, uma locomotiva com uma pítom vermelha verde e preta enrodilhada na frente da máquina, subindo que nem o Johnny Canoe pelos trilhos.

Bom, e como é que ele estava se sentindo, Clem?

Ele disse que se sentia como se fosse a tripa o coração e os pulmões do interior da África. Disse que se sentia que nem o Kongo: “Terra da Pantera”. Disse que sentia vontade de “desertar seu mestre”, que nem o Kongo “costuma fazer”. Disse que se sentia capaz de dançar na ponta de uma agulha.

Bom, e o ouvido dele, Clem? O ouvido.

Ele disse que ouvia batuques de ossos, berimbau de boca, gaitas de fole, flautas, búzios, tambores, banjos, kazoos.

Continua, continua, e o que mais que ele disse?

Ele começou a falar em línguas. Não há casos isolados dessa coisa. Ela ignora classe raça ou consciência. Ela se autopropaga e nunca dá pra saber quando vai voltar.

Bom, você foi atrás de outras opiniões, doutor?

Quem você acha que são esses outros casos aqui? 6 deles são alguns dos bacteriologistas epidemiologistas e químicos mais renomados da Universidade.

Há um tumulto lá fora. O Prefeito sai correndo e dá de cara com Zuzu em júbilo. Estapeando os enfermeiros que estão tentando acalmá-la. As pessoas de repente pulam das macas e cada um faz sua coreografia. O Prefeito sente aquele desconforto na nuca e dali a pouco está fazendo algo que lembra os sintomas do Jes Grew, e o Médico que corre para ajudar começa a gingar requebrar e sambar nas ruas. Persianas se abrem nas janelas. Luzes piscam nos prédios.

E quando você menos espera todo o quarteirão está em convulsão pela entrada do Jes Grew no Govi de Nova Orleans; a cidade charmosa, o amálgama das culturas espanholas francesas e africanas, perdeu a cabeça. Pela manhã são 10.000 casos de Jes Grew.

A sonsa Ordem da Flor que Não se Cheira não tinha aprendido porra nenhuma. Eles acharam que fumigar a Praça Congo na década de 1890 quando o povo estava dançando a Bamboula a Chacta o Bambouille o Counjaille a Juba o Congo e o Vodou ia dar um fim à coisa. Que aquilo era só uma moda. Mas eles não compreenderam que a epidemia de Jes Grew era diferente das pragas físicas. Na verdade o Jes Grew era uma antipraga. Algumas pragas faziam o corpo fenecer; Jes Grew avivava o hospedeiro. Outras pragas traziam consigo o mau ar (malária); vítimas do Jes Grew diziam que nunca tinham visto o ar tão limpo e que sentiam o aroma de rosas e perfumes que nunca antes haviam entrado em suas narinas. Algumas pragas surgem de animais em decomposição, mas a praga do Jes Grew é elétrica feito a vida – em ebulição e êxtase. Pragas terríveis vieram da ira de Deus; mas Jes Grew é o deleite dos deuses.

O Jes Grew está em busca de suas palavras. Seu texto. Pois de que serve uma liturgia sem um texto? Em 1890 o texto não estava disponível e o Jes Grew estava lá fora sozinho. Talvez os anos 1920 também sejam um alarme falso e o Jes Grew evapore tão rápido quanto apareceu, mais uma vez traído e de coração quebrado (++)



Assim que a banda começa, todo mundo desata a se mover de um lado da rua para o outro, especialmente os que chegaram depois e passam a seguir aqueles que já estavam no enterro. Essas pessoas são conhecidas como “a segunda fileira” e podem ser qualquer um que passa pela rua e quer ouvir a música. *O espírito baixa e elas vão atrás*

(Itálico meu)

Louis Armstrong

Mumbo Jumbo

[Do Mandinka *mā-mā-gyo-mbō*, “mágico que manda os espíritos inquietos dos ancestrais embora”: *mā-mā*, avó, + *gyo*, inquietação, + *mbō*, ir embora.]

The American Heritage Dictionary of the English Language



Mumbo Jumbo

Ishmael Reed

TRADUÇÃO DO INGLÊS
João Vitor Schmidt

zain

© Ishmael Reed, 1972
© Posfácio, Ishmael Reed, 2022
© Editora Zain, 2025

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Título original: *Mumbo Jumbo*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

EDITOR RESPONSÁVEL

Matthias Zain

PROJETO GRÁFICO

Osmane Garcia Filho

CAPA

Elohim Barros

PREPARAÇÃO

Lielson Zeni

REVISÃO

Marina Saraiva
Bonie Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reed, Ishmael

Mumbo Jumbo / Ishmael Reed ; tradução João Vitor Schmidt.

– 1ª ed. – Belo Horizonte, MG : Zain, 2025.

Título original: *Mumbo Jumbo*

ISBN 978-65-85603-22-5

1. Romance norte-americano I. Título.

25-264000 CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Zain

R. São Paulo, 1665, sl. 304 – Lourdes
30170-132 – Belo Horizonte, MG
www.editorazain.com.br
contato@editorazain.com.br
[instagram.com/editorazain](https://www.instagram.com/editorazain)

Irrompe algum *fenômeno natural desconhecido*
que não pode ser explicado,
e um novo semideus local é escolhido.

— Zora Neale Hurston sobre a origem de um novo loá

As canções de Ragtime mais antigas,
como Topsy, “*jes’ grew*” [soh cresceram].

[...] nós nos apropriamos da última das
jes’-grew-songs. Foi uma canção cantada
durante anos por todo o Sul. A letra era
impublicável, mas a melodia era irresistível,
e não pertencia a ninguém.

— James Weldon Johnson
The Book of American Negro Poetry

Para minha avó

Emma Coleman Lewis.

E para

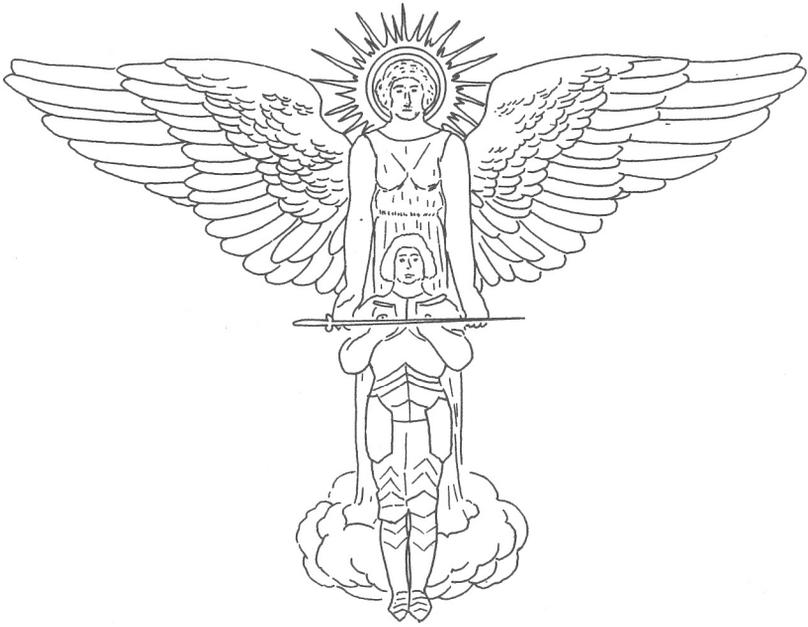
Clarence Hill, proprietário do
Libra's na East 6th Street
entre as avenidas A & B

e também para

George Herriman, afro-americano,
que criou o Krazy Kat.

Mumbo Jumbo

2 Com a rapidez impressionante do Telefone Sem Fio de Booker T. Washington, o Jes Grew se alastra pela América num curso estranho. Pine Bluff e Magnolia no Arkansas são afetadas; Natchez, Meridian e Greenwood no Mississippi relatam casos. Surto esporádico ocorre em Nashville e Knoxville no Tennessee e também em St. Louis onde os sacolejos e roçadas forçam o Governador a acionar a Guarda. Influência poderosa, o Jes Grew infecta tudo que toca.



3 *A Europa mais uma vez tentou resgatar o Santo Graal e de novo os Cavaleiros Teutônicos, essas “tropas dissimuladas” de Gibbon, deixaram o Cálice cair. Em vez de invadirem os Templos dos Infiéis eles decretam seu sangue; no mito pagão da Valquíria eles lutam sem parar; estão mortalmente feridos, mas revivem apenas para lutar de novo, fazendo uma pausa para se empanturrarem de porco e hidromel. Mas a Ordem da Flor que Não se Cheira não teve escolha. A única outra ordem de Cavaleiros havia caído em desgraça anos antes. Às vezes a Ordem da Flor que Não se Cheira era forçada a chamá-los. Ninguém mais poderia defender as adoradas tradições do Oeste contra o Jes Grew. Eles seriam capazes de operar os Observatórios de Jes Grew. Mas o julgamento que banira sua ordem do serviço do Oeste e o Caminho Atonista tinham sido conclusivos. Eles foram condenados como “lobos vorazes e poluidores de mente”.*

A crise do Jes Grew estava se agravando. Para piorar, os *Mu'tafikah** Negros Amarelos e Indígenas estavam pilhando os museus e mandando tudo o que havia sido saqueado de volta para os lugares de onde veio. A América, última esperança da Europa, protetora do inventário de feitos “da humanidade”, estava com um caso forte de Jes Grew e de *Mu'tafikah* também. A Europa não consegue mais ficar de guarda dos “fetiches” de civilizações que foram colocados nos vários Centros de Detenção de Arte, localizados na cidade de Nova York. Casas de Contrabando financiadas por Barões Ladrões, Reis do Cobre, Magnatas do Petróleo, Figurões e Senhores de Engenho. Calabouços para os tesouros da África, da América do Sul e da Ásia.

* *Mu'tafikah* – De acordo com o Alcorão, habitantes das Cidades Arruinadas onde o povo de Ló viveu. Eu chamo os “ladrões de obras de arte” de *Mu'tafikah* porque, assim como os habitantes de Sodoma e Gomorra foram os boêmios de seus dias, Berbelang e sua gangue são os boêmios da Manhattan dos anos 20. [N.T.: Note-se a proximidade entre os sons de “*Mu'tafikah*” e “Motherfucker”, filho da puta em português.]

O exército dedicado a guardar esse espólio é maior que o da maioria dos países. Com razão, porque se esses tesouros caíssem no colo “das pessoas erradas” (os países de onde eles foram roubados) haveria entusiasmo renovado pelos Ícones das civilizações esteticamente vitimadas.

4 1920. Nasce Charlie Parker, o hungã (palavra derivada de *n'gana gana*) a quem não havia mestre adepto o bastante para conceder o *Ason*. 1920–1930. Aquela 1 década que não parece realmente fazer parte da história americana, mas sim da Folga escondida da América, tentando fazer o possível; dar a volta por cima.

Os vetores do Jes Grew vieram para a América por causa do algodão. Por que algodão? Os índios americanos muitas vezes tiravam tudo que precisavam de um animal: do búfalo. Alimento, abrigo, roupas, até combustível. Os esquimós, da baleia. Os egípcios antigos eram capazes de se nutrir da oliveira e usá-la como fonte de luz; mas os americanos quiseram plantar algodão. Eles poderiam ter cultivado soja, gado, porcos ou a comida desses animais. Não tinha desculpa. Algodão. Será que era alguma tara inusitada de ver as mãos negras entrando em contato com a planta branca?

De acordo com a astróloga Evangeline Adams, a América nasceu às 3:03 da madrugada do dia 4 de julho, com ascendente em Gêmeos; há de ser mercurial, incansável, violenta. A América olha para as Filipinas e chama a gula de Nova Fronteira. Olha para a América do Sul e intervém nos assuntos internos de suas nações; a pirataria é qualificada como “exportação de estabilidade”. Se o estilo da prosa britânica é churchilliano, a América é o leiloeiro de tabaco, o chamariz de camelô; Runyon, Lardner, W. W., o mercador ambulante que consegue vender a qualquer hora a ponte do Brooklyn pra qualquer um, que

consegue te entuchar qualquer coisa e te convencer de que tomates dão no Polo Sul. Se nos anos 1920 os britânicos dizem que “O Sol Nunca se Põe no Império Britânico”, o lema americano é “A Cada Minuto Nasce Mais um Otário”. A América é o aborrescente que “sacou a parada” e já tem seu próprio carrão turbinado. Eles comparecem, esses alpinistas sociais, a uma conferência de desarmamento em Washington e cutucam o leão diplomático dos britânicos com vara curta, os aconselhando a sucatear 4 embarcações, incluindo o orgulho da marinha britânica: o H.M.S. *Rei George V*. O Almirante britânico Beatty com sua cara de buldogue sai carrancudo da sala.

5 A Ordem da Flor que Não se Cheira tenta aplacar a praga psíquica instalando um presidente anti-Jes Grew, Warren Harding. Ele vence com o mote “Chega de Rebolar e Saracotear”,* indicando que não vai tolerar essa infecção que se alastra. Todos os simpatizantes serão punidos; todos os vetores isolados e desinfetados, a Imunoterapia começará assim que ele tomar posse.

Sem saber, ele está sendo vigiado por um espião da Ordem da Flor que Não se Cheira. Um homem que virá a ser seu Procurador-Geral. (Ele também está rodeado do estranho círculo conhecido pelos historiadores como “A Gangue de Ohio”).

O 2º estágio do plano é treinar I Androide Falante que trabalhará dentro do Negro, que parece ser seu hospedeiro clássico; para extirpar, categorizar analisar expelir destruir, chupar o Jes Grew. Uma catraia falante que eles podem usar sempre que quiserem, um antibiótico vociferante que vai abortá-lo do ventre americano a que ele se agarra como um feto teimoso.

* *The Harding Era* – Robert K. Murray.